SUMMARIO.

Conhecimentos-uteis: Economia-politica (*Continuação*). — Receita para reanimar as arvores que definham. — Producção e consummo de cereaes no districto de Lisboa em 1844 (*Continuação*). — Parte-litteraria: Traducções poeticas. — Uma viagem de dois annos (Capitulo V). — Margaretha (conto allemão). — A uma camelia (Recordação. Poesia). — Variedades: A parochial de Sancta-Justa. — Correio-Extrangeiro. — Correio-Nacional. — Annuncio da Empresa.

CONHECIMENTOS UTEIS.

ECONOMIA-POLITICA. *

Parte 2.ª (distribuição e consummo da riqueza) — Secção 1.ª (Da repartição dos rendimentos.

X

960 — 203 Ja se disse como a origem de todos os rendimentos são os instrumentos geraes da producção: a *terra*, o *trabalho*, o *capital*. A terra está quasi sempre reunida ao capital; muitas vezes tambem ha no trabalho, além do trabalho propriamente ditto, um capital moral e intellectual que é o talento. Todo o rendimento que provém d'estes tres instrumentos geraes da producção é chamado:

Renda, quando procede d'uma *terra*, que se arrenda etc.

Lucro, *interesse*, *ganho* ou *juro*, quando procede do *capital*, que se avança etc.

Salario, ou *retribuição*, quando procede do *trabalho*, que se faz etc.

204 O rendimento está actualmente repartido pelos productores por via do imprehendedor, que é o agente director da producção. O producto sendo o mais das vezes resultado de muitas impresas successivas, o imprehendedor que recebe o producto por acabar das mãos d'outro imprehendedor reembolsa-lhe os avanços todos até então feitos. Um par de çapatos, por exemplo, antes de chegar ao consummidor tem passado pela mão do dono do cabedal, do curtidor, do çurrador, do çapateiro, e ainda d'outros imprehendedores que de intermedio póde ter havido, e que vão pagando uns aos outros o custo do objecto da sua impresa.

205 Por que a producção necessita de despezas, de avanços, de consummo, por isso o productor, primeiro que tudo, tira do rendimento da sua industria, o que para ella adiantou. Se não tira senão valor egual ao que adiantou, transformou uma n'outra riqueza; mas não creou, e perdeu o seu trabalho e a sua habilidade. Se o productor porém, consegue tirar do seu rendimento *bruto* os avanços que fez do seu capital, acha uma differença a seu favor, que todavia lhe não será bastante se n'ella não achar éstas duas coisas: a sua retribuição como trabalhador, e um ganho liquido, que lhe será livre de capitalizar, gastar ou empregar do modo que lhe parecer. Bem intendido, comtudo, que nos avanços de que elle primeiro se reembolsar estão comprehendidos: 1.º o salario dos operarios, que serviram a sua impresa; 2.º a renda que elle pagou ao dono do chão etc. em que estabeleceu o local da sua impresa; 3.º o lucro ou interesse do capital que lhe serviu para fazer os avanços necesarios á producção.

206 E quando se falla em capital deve intender-se tambem por ésta palavra generica, como ja tenho ditto, o capital moral, que comprehende em si o capital intellectual, ou o talento, e mesmo outro qualquer capital moral, como os bons costumes etc. Todos estão no caso de percober isto. Entre dois advogados, por exemplo, não será melhor retribuido, aquelle que for mais habil e ganhar mais causas? Aqui está pelo que respeita ao talento. Entre dois caixeiros de uma casa-de-commercio, por exemplo, prefere-se e paga-se melhor aquelle que tem procedimento mais regular. Aqui está pelo que respeita aos bons costumes.

207 Mas para que o capital moral seja recompensado na razão directa da sua utilidade e do seu valor economico, é preciso que este valor seja reconhecido pela sociedade ou, ao menos, por aquelles membros da sociedade que necessitem d'elle. Eu disse valor economico, porque ha talentos que podem ter alto valor no seu genero, e não ter nenhum valor de troco, por isso que não teem utilidade; por exemplo, um homem que saiba perfeitamente a lingua dos hottentotes; outro que faça primorosos paineis de pennas etc.

208 O talento que se faz retribuir melhor é aquelle que mais custou a adquirir; e aquelle de que mais se precisa e menos se acha. Quando se vir barato um grande talento, uma d'estas tres razões haverá para isso: ou o possuidor d'esse talento terá mais ambição de gloria e quererá liberalizal-o aos seus similhantes; ou os productos d'esse talento serão offerecidos em grande quantidade pelos seus possuidores, ou, finalmente, não poderão elles satisfazer senão pique-no número de necessidades.

209 Ja se disse como a utilidade que está á mão de todos não tinha nenhum valor de troco. No dominio da intelligencia até chega a haver certas utilidades que nunca mais se podem reproduzir. Suppunhamos, por exemplo, uma invenção tam clara, tam exacta, tam facil de perceber que todos a intendam e possam servir-se d'ella, sem lhes ser necessario recorrer á permutação; bem se ve que ninguem quererá fazer sacrificios por coisa tam facil de obter. Mas n'este caso a sociedade intervem, e vota as recompensas nacionaes. Um feito de grande coragem, que salvou um paiz, um acto de virtude que o honra e moraliza, não teem valor de troco, ainda que sejam de summa utilidade. Assim como o ar, que é util a ponto de ser indispensavel, todavia por ninguem é comprado.

210 Os inconvenientes de uma profissão augmentam-lhe o rendimento; mas a concurrencia abate-lhe o valor.

211 Quando a riqueza augmenta, o trabalho é mais procurado e os salarios levantam. Mas, ao mesmo tempo, como são os capitaes que augmentam com a riqueza, estes fazem concurrencia e os seus lucros diminuem.

212 Em summa a divisão dos interessess sociaes faz se, na sociedade d'agora, debaixo da influencia do principio da propriedade, e conforme as leis que regulam a variação do valor. Assim como vai avançando a civilização, a sociedade se vai inrequecen-

* Continuado de pag. 338.

do de coisas e sciencia; quer isto dizer, que o capital cresce, que a egualdade do talento, e dos sentimentos se introduz entre os homens. A terra, verdade é que não augmentará, mas a sua cultura irá melhorando sempre; o trabalho se irá aperfeiçoando, e produzirá com menos fadigas. Todos estes resultados serão infaliveis se a população se conservar sem exceder os limites das subsistencias.

213 Aqui porei agora um mappa, para dar mate ao que fica ditto, por onde se verá synopticamente o mecanismo da repartição da riqueza.

Repartição dos lucros sociaes.

Instrumentos geraes.	Rendimentos.	Subdivisão dos rendimentos.
TERRA	*nada*	
	renda	cobrada de differentes modos, e que deve conter a amortização do capital gasto em bem-feitorizar o chão.
TRABALHO	*retribuição* dos operarios:	pelo trabalho braçal, pelo talento: pela amortização do capital gasto em adquirir esse talento.
	retribuição dos sabios:	pelos conhecimentos, uteis pelo talento ou pelo genio: pela amortização do capital gasto em adquirir esse talento.
	retribuição dos imprehendedores:	pela sua gerencia, pelo seu talento, pela amortização do capital gasto em adquirir esse talento.
CAPITAL	*lucros*	interesse corrente, que comprehende: os riscos, maiores ou menores; a amortização do capital dispendido.

214 Para ser imprehendedor requer-se certo talento e capitaes; duas condições que nem sempre se acham reunidas.

215 Afora os conhecimentos especiaes da sua profissão, o imprehendedor necessita d'outras qualidades de que não ha mister aquelle que apenas executa as suas ordens.

216 Precisa tambem ter credito, e para isso é indispensavel que as suas qualidades sejam bem notorias áquelles que lhe vão confiar a seu dinheiro; ou ser ja possuidor de fundos.

217 O imprehendedor corre tambem os riscos da producção; o que não acontece ao sabio nem ao operario, que recebem immediatamente a retribuição do seu trabalho.

218 Operario é o homem que executa servilmente uma obra como lhe foi incommendada por seu mestre, ou segundo os processos que elle já conhece por meio do seu aprendizado. O operario que trabalha sôbre si, por exemplo, um tecelão que tem tear em sua casa, é um pequeno imprehendedor.

219 Os operarios podem-se subdividir em duas classes: trabalhadores e homens d'officio. Os trabalhadores, propriamente dittos, são aquelles que executam sem terem tido necessidade de aprender, ou teem aprendido com pouco custo; como o que amassa cal e area, e que moe as tinctas etc.

220 Em todas as profissões ha certo genero de trabalho que todos sabem fazer, e outro que demanda aptidão, e talento proprio.

221 A retribuição do operario levanta ou desce na razão inversa da quantidade de trabalho offerecido pelos operarios, e na razão directa da quantidade pedida pelos imprehendedores. Isto é; quando ha muitos operarios a fazer pequena quantidade de trabalho, a retribuição desce; quando os imprehendedores necessitam grande quantidade de trabalho e teem poucos operarios, a retribuição levanta.

222 Mas a retribuição do trabalhador não póde nunca descer a menos do que lhe for necessario para elle se sustentar; porque n'esse caso deixaria de haver trabalhadores. Ora, ésta retribuição tambem não póde levantar muito, porque o excesso da população augmenta o número dos trabalhadores.

223 O trabalho dos homens d'officio é sempre mais caro. No emtanto a sua retribuição oscilla sempre como a do trabalhador propriamente ditto.

224 Ha sabios que fazem certas descubertas, ou inventam, e a que se chama homens de genio; outros fazem novas applicações de coisas ja sabidas; outros, emfim, vulgarizam as sciencias. Para o economista, é sabio todo o que se applica ás sciencias physicas ou mathematicas, ás sciencias moraes e politicas, á litteratura, e ás bellas-artes.

225 A propriedade intellectual do sabio não está ainda bem definida. E a sua retribuição é por ora uma das coisas mais vagas, variaveis, e caprichosas.

226 O trabalho do sabio differe do de todos os outros trabalhadores, porque os seus serviços duram eternamente. Mas desde o instante em que o sabio dá publicidade ás suas idéas, logo quem quer se aproveita d'ellas para o que lhe convem, a seu bel-prazer.

227 O sabio pois, é, ordinariamente, melhor retribuido por honras, consideração e elogios, do que por uma retribuição pecuniaria; ao contrário dos outros trabalhadores.

228 A retribuição dos serviços feitos á nação, como o dos soldados etc., tambem são objecto das considerações economicas. Ordinariamente estes serviços são peior retribuidos do que os outros, á excepção dos abusos das accumulações, sinecuras, etc. etc.

229 Cabe agora aqui fallar dos lucros obtidos pelos capitaes que se podem comprehender na denominação de instrumentos artificiaes, como, o dinheiro, machinas, ferramentas, materias-primas, officinas etc. Assim como o rendimento do operario deve constar da retribuição do seu trabalho e do seu talento; assim tambem o rendimento do imprehendedor deverá constar da retribuição do seu trabalho e do lucro do capital empregado.

230 Esse lucro será tanto maior quanto menos abundantes forem os capitaes de que se carecer, e maior o risco que elles houverem de correr.

231 A imperfeição das vias de communicação, a ignorancia geral, a falta de confiança, torna os capitaes stacionarios n'uma localidade ou n'uma indus-

tria. E d'aqui vem a diversidade dos lucros dentro do mesmo paiz, e tambem a variedade do rendimento da mesma industria, porque os capitaes affluem ou se retiram de certos locaes, applicam-se ou fogem de certas industrias. Os vicios da organização social d'um paiz, os costumes de intolerancia, uma politica má, que diminuem a facilidade e a segurança do emprego dos capitaes, influem muito nos lucros que estes podem obter.

232 O lucro do capital-moeda, chama-se *juro*. Este depende da convenção entre o que impresta e o que pede. A lei fixa este lucro em 5 ou 6 por cento. Mas ésta lei é absurda e immoral; em vez de evitar a usura favorece-a, estimula o monopolio dos usurarios, obriga a inventar meios de illudir os seus preceitos, é origem de delictos lamentaveis porque ha obrigação de os punir, perniciosos quando conseguem a impunidade.

233 Segundo as leis economicas não se póde prefixar esse lucro; ha muitas causas que influem n'este rendimento especial assim como nos outros. As duas principaes, são:

1.° Conforme o risco que corre quem impresta, que deve n'esse caso receber o lucro do capital e o premio do seguro.

2.° Conforme o número que ha de pedidos de capitaes, e a abundancia d'estes. O que faz oscillar este como todos os outros valores.

(*Continúa.*)

RECEITA PARA REANIMAR AS ARVORES QUE DEFINHAM.

961 Diz-se que um francez, Victor Paquet, experimentára um remedio com o qual reanimára uma arvore de tronco debil, doente, e definhada. Administrou-lhe uma forte dissolução de sulfato de ferro, dada na agua com que a regava, e com que ella tomou uma força extraordinaria de vegetação. Parece que ésta rega facilita ás raizes a absorpção dos agentes chimicos que são proprios para dar fôrças vitaes as arvores.

MAPPA DA COLHEITA E CONSUMMO DE CEREAES NO ANNO DE 1844, NO DISTRICTO DE LISBOA.*

962 Tendo nos dois artigos anteriores tractado da extensão da cultura e producção cereal, dentro do districto de Lisboa, agora tractarei do seu consummo no mesmo districto conforme o mostra o mappa. Sóbe elle a

Trigo	117,049	moios.
Centeio	3 851	»
Cevada	21 545	»
Milho	37,907	»
	180,352	»

N'estes, se separarmos os que foram consummidos pela cidade e pelo districto, cadaum d'estes consummos á parte, teremos,

Cidade.		
Trigo	72,705	moios.
Centeio	11	»
Cevada	7,438	»
Milho	4,096	»
	84,250	»
Districto.		
Trigo	44,344	»
Centeio	3,840	»
Cevada	14,107	»
Milho	33,811	»
	96,102	»

Produziu de menos o termo de Lisboa para o seu consummo, em

Trigo	66,260	moios.
Cevada	4,913	»
Milho	2,203	»
	73,376	»
Abate-se centeio	1	»
	73,375	»

E o districto igualmente de menos, em

Trigo	10,224	moios.
Centeio	930	»
Cevada	1,702	»
Milho	14,381	»
	27,237	»

Feita a separação dos cereaes convem fazer a separação da população do districto em urbana e rural. Pelo recenseamento de 1843, pertencem á capital do districto . . . . . 241.500 almas.
Ao districto. . . . . 255,490 »
496,990 »

No consummo da cidade é forçoso, nos 84,250 moios, abater 7,438 de cevada, porque estes são indispensaveis para o penso dos animaes, restam pois 76,812 moios para o sustento de 241.500 almas. A éstas ha que accrescentar, sendo Lisboa uma cidade maritima, o movimento pessoal que transita pelo seu porto, que por poucos individuos que inclua, é sempre de muita consequencia pelo bem que são mantidos relativamente á população terrestre, e pelo que levam para fóra.

Por uns mappas geraes da navegação de Portugal em 1843, publicados em 1846, consta, que em Lisboa entraram n'aquelle anno . . 1,763 embarcações.
Sahiram . . . . . ditto. . . . . 1,812 »
3,575 »

Medindo as de entrada . . . . . 195,983 toneladas.
De sahida. . . . . 199,879 »
395,792 »

O que vem a dar a cada embarcação o lote de 110

* Continuado de pag. 328.

toneladas. O número das gentes que tripulavam éstas embarcações, não o posso deprehender dos mappas, mas se arbitrarmos a cada uma d'ellas 5 pessoas, arbitrio que me parece rasoavel, teremos 17,875 pessoas que addicionar aos 241,500 individuos da população terrestre, o que faz ao todo 259,375 pessoas. Repartindo por éstas pessoas os 76,812 moios, sahem 17 alquires a cadauma, e calculando que cada alqueire dê menos de 20 arrateis de pão, são 14 onças por dia.

Coincide este calculo de uma maneira rara, com os resultados que se tiram do movimento do Terreiro em 1841, publicado no *Diario do Governo* n.º 45 de 1842 É a somma total dos cereaes alli descripta 68,810. tirando d'aqui a cevada que importa em 5.436 moios, ficam 63,374 moios. A população de Lisboa em 1842 eram 210,889 almas, ajunctem-se-lhe 17,875 embarcadiços, temos 228,764 pessoas. Applicando estes números á divisão dos cereaes, que em alqueires são 3,802,440, o dividendo é tambem 17 alqueires, assim como o eram pela outra conta antecedente.

A divisão rural do consummo dos cereaes por individuo, abatendo a cevada, é 19 alqueires por cabeça, mas devendo se sem duvida abater para sementes 1 em 6, ou 16 em 100, vem os 19 alqueires a ficar em 16 alqueires.

Nós, não deixo de repetir a mesma exprobração todas as vezes que tenho de escrever sôbre a nossa economia, não temos contas de nada. Em toda a parte, por exemplo, se sabe aproximadamente os gados e animaes que existem, menos em Portugal, e por isso os problemas mais interessantes falham de solução aqui, por falta de termos estatisticas. Se se soubesse os animaes que tinhamos ja se poderia saber qual era o dispendio que se fazia com elles, e averiguava-se melhor a repartição granivora, pelo reino todo vivente que occupa o solo portuguez

Não existindo nada d'isto, é preciso, aventuradamente ir dedilhando pelas trevas, porque assim mesmo sempre se obterá alguma coisa que póde servir para despertar a curiosidade. Apresenta o mappa como ja si viu, 7,438 moios de cevada consummidos em Lisboa.

Este grão supponho eu ser todo applicado ao sustento de animaes. Difficil é determinar a ração de cada um, mas se fôr de uma quarta d'alqueire serão 4,890 os animaes de carga, cavallaria, tropa, trens etc. que ha em Lisboa. Esta quantia abatendo 1,000 para o exercito deixa 3,890 para todo o serviço economico e dos particulares para esta capital. Vejam se ella abatendo d'ahi seges e omnibus, não é muito pequena. Parece-o.

Pela mesma conta, os 14.107 moios do consummo do districto, darão para mantimento de 9,276 animaes. Esta quantidade dava para a area toda de Portugal dando que uma tal conjectura tivesse alguma valia, coisa de 92,000 animaes. A recovagem de Portugal é feita a maior parte cavalarmente. Estes animaes poderiam dar n'esse serviço suppondo que a lavoira se não servisse senão de bois, para o transporte de 200,000,000 d'arrobas que dão a cada pessoa, coisa de cinco arrateis por dia, d'onde resulta ou muita privação de conducções, ou muita conducção, essa pouca que é possivel, por homens fazendo as vezes de animaes de carga.

Não vale a pena continuar na amplificação d'este assumpto; um facto que todos nós temos constantemente debaixo dos olhos é que é digno de aqui se referir. Todos nós vemos os gallegos como carregam ás costas, ninguem entretanto vejo que pense no valor d'esta maquina de tracção economicamente fallando. É a mais cara que ha no mundo, porque um homem válido, não custa menos pelo que tem consummido, de 600$000 réis. Carreguem-se 12 saccas de arroz ás costas de 12 homens, são 7.200$000 réis que valem as suas forças, que se podiam substituir por um carro e cavalgadura appropriados, que deviam custar 288$000 réis- Os homens em Portugal não valem nada. É um valor perdido.

E o mais é que tudo é pelo mesmo theor. Aqui temos mais um exemplo terrivel d'esta asserção. É o peior de todos, sôbre este sudario da producção cereal do districto de Lisboa.

Ja vimos que o termo recebia de fóra do seu territorio.....	73,375	moios
E o districto.....	29.237	»
	100,612	
Além d'estes, como uns concelhos se supprem dos outros ha mais em transito.....	23,371	»
	123.983	

Por se não cultivarem os cereaes nos locaes onde se consommem aqui estão estes 123,983 moios, cuja deslocação, á população tão indigente d'este districto, vem a importar em perto de 500 contos cada anno. So quem entra no amago d'estas questões é que lhe póde conhecer a sua importancia. Ninguem havia de á primeira vista sonhar em um tal prejuizo mas eu passo a mostra-lo bem claramente.

Este districto tem 303 leguas quadradas: o lado d'este quadrado são 55 leguas, n'estas o intervallo do cultivado ao descultivado dá bem logar a uma jornada de 5 leguas. Esta jornada a 240 arrateis de carga para uma cavalgadura não se póde fazer em menos de um dia e custo de 800 réis. Tomem-se estas condicções e appliquem-se aos 123,983 moios e vêr-se-ha que, aos réis, á perda de tempo, á miseria *homerisada* por toda a sorte de feitio, se vai no povo d'este districto onde se publica a REVISTA, mais de um milhão de crusados, em conducções extra as ordinarias, para pão.

A conta é esta. Os 123,983 moios são 7,438,980 alqueires, estes por 20 arrateis dão 148,779,600 arrateis, que a 240 arrateis, dão 618.915 cargas, estas a 800 réis sommam 495 932$000.

(Continúa.) *C. A. da Costa.*

PARTE LITTERARIA.

TRADUCÇÕES POETICAS.

963 Algum dos nossos jornaes fallou ha pouco com um desprezo pouco cavalheiro do merito das traducções, dando-as como inuteis, e mesmo incapazes de perfeição; ésta opinião não é nova, pois ha muito se disse que eram um panno de Arraz voltado do avesso, e no tempo em que veio a luz éste dixote talvez fos-

se mais arrasoado que nos nossos tempos. É porem necessario, e prudente fugir de avançar proposições geraes porque todas tem excepções, e serão falsas ou verdadeiras segundo o lado porque se considerarem.

É verdade que uma traducção ruim é muito ruim coisa, mas pela razão do contrario uma traducção boa é muito boa coisa. As traducções tem o mesmo fado dos originaes, se a obra tem merito corre todas as mãos, occupa as livrarias, e dá gloria, e ás vezes interesse ao seu author, se lhe falta o merito, dormem nas lojas dos livreiros, ou servem nos confeiteiros para embrulhar assucar, e bolos.

Não negamos que uma traducção como a da vida de Napoleão por Norvins, em que é necessario recorrer ao original, para intender o traductor que não sabia portuguez, nem francez; uma traducção de romance, em que as palavras — *écoutez-moi, ma bonne*, — são exprimidas em nossa lingua, pela phraze — *escuta, minha boa* — nem reprezenta o original, nem faz honra a nossa litteratura; mas são d'esta laia todas as traducções? estarão na mesma plana as traducções de Tacito pelo Sr. José Liberato, e pelo Sr. Canuto Forjaz, ou da historia d'elrei D. Manuel por Francisco Manuel? Cicero traduziu algumas orações de Demosthenes, serão ellas porventura producções despiciendas?

Dellile define as traducções, uma importação de riquezas extrangeiras para abastar a litteratura nacional; o mesmo affirma Plinio Junior, e aconselha a Tacito a pratica de traduzir para formar o estilo, e oxala que se não tivessem perdido as traducções que os latinos tinham feito das obras dos auctores carthaginezes que poderiamos hoje formar idéa do estado de cultura d'aquella nação celebre.

É na poesia sôbre tudo que as traducções se tornam proficuas: nem todos tem os meios, e o tempo de estudar todas as linguas antigas, e modernas; e não fara um grande serviço aos seus compatriotas aquelle que se dá ao trabalho de habilital-os para senti em uma parte sequer das bellezas dos poemas das outras nações? para dar uma boa traducção de um poema é necessario ser quasi tam grande poeta como aquelle que o compoz; e por isso em todo o tempo os maiores engenhos não desdenharam de colher esta palma litteraria. Varrão Atacino traduziu os Argonautas de Appolonio Rhodio, e d'esta traducção restam fragmentos, que fazem sentir a perda do resto. Delille traduziu Virgilio, e Milton, Pope a Iliada, e a Odyssea de Homero, Bentinelio a Thebaida de Estacio, Cesaroti, e Monti a Iliada, Beverini, Alfieri, e Annibal Caro a Eneida, Marcheti o poema de Lucrecio, Pendemonte a Odisseia, Bocage os Jardins de Delille, as Plantas de Castel, a Agricultura de Rosset: dira alguem que éstes poetas eram engenhos mediocres?

José Agostinho de Macedo disse fallando de traducções. »Quem não é capaz de ser auctor, não queira fingir que o é, dando recados alheios!» porventura os auctores do Ensaio sôbre o Homem, do Ensaio sôbre a Critica, do Aristodemo, e da Brazliana, de Saul, e de Bruto, da Imaginação, e dos Tres Reinos da Natureza, precisavam para passar por auctores, de dar recados alheios? não sabiam compor originalmente?

Mas, dirão alguns criticos, uma traducção nunca póde emparelhar com o original nem pela harmonia, nem pelo colorido, nem pela graça, nem pela força da expressão; este juizo, que com especialidade se refere as linguas grega, e latina, nos parece mais especioso, que verdadeiro. Em primeiro logar se bem compararmos as linguas entre si, acharemos que não ha nenhuma que tenha uma superioridade decidida sôbre as outras, se uma é mais harmoniosa, outra é mais energica, se uma é mais clara em sua grammatica, outra é mais arrojada e artificiosa, umas são mais graciosas, outras mais picturescas; ha cousas em latim, e em grego que não podem traduzir-se em hispanhol, ou francez, mas ha cousas em francez e inglez, que nem Homero nem Virgilio poderiam exprimir em latim, ou no grego sem que perdessem muito de sua beleza: é assim que os idiomas se equiparam, e contrabalaçam o que falta em uns com o que existe em outros.

Em segundo lugar esse requinte de harmonia que os criticos encontram no latim, e no grego, não estaria mais na imaginação d'elles, que nas linguas, que tanto nos gabam! podemos nos ser juizes competentes n'esta materia? em que nem ao menos sabemos como os nacionaes pronunciavam os vocabulos? Contam que o celebre Olau Burrhichio visitando a Scaligero em Paris o comprimentou em latim, e o grande latinista francez cuidando que elle lhe fallava sueco, lhe respondeu. » *Latine loquare quia suevam linguam ignoro!* »

Se um alemão, um russo, um inglez, um portuguez, e um italiano pronunciarem uns diante dos outros os seguintes versos:

Vrbs antiqua ruit multos dominata per annos,
Plurima perque vias sternantur inertia passim
Corpora, perque domos, et religiosa Deorum
Limina, neque sali poenas dant sanguine Teucri,
Quondam etiam victis redit in praecordia virtus,
Victores que cadunt Danai: crudelis ubique
Luctus, ubique pavor, et plurima mortis imago.

É certo que nenhum d'elles, pela variedade da pronunciação, entenderá o que os outros disseram, mas tambem é certo que cada um delles afirmará que recitou excellentes versos, cheios de harmonia, e de graça: mas como é que existe essa harmonia desfigurada de tantos modos, e sendo mui provavel que nenhum desses modos seja aquelle porque os romanos recitavam esses versos? É porque cada nação pronuncia o latim, e o grego com pouca differença como pronuncia a sua lingua, e é por isso que cada um delles os acha harmoniosos. Pela minha parte confesso que as odes de Anacreonte me parecem harmoniosas, mas muito menos que uma aria de Metastasio, ou uma cançoneta de Savioli ou de Bocage.

Uma cavatina de Rossini, ou de Donizzeti, que nos encantou no theatro cantada por um soprano, se for transportado para tenor, e executada por um artista de igual merecimento ficará por ventura meno bella? terá menos primor musical? não por certo, e até póde acontecer que se torne de maior effeito em algumas clausulas; do mesmo modo quando as idéas, e as imagens de um poema original forem exprimidas por um traductor que mereça o nome de grande poeta, que posua toda a copia de riquezas vocaes da sua lingua, que saiba emprega-las com elegancia, e fran-

queza, que saiba dar aos seus versos toda a harmonia de que elles são susceptiveis no idioma em que escrever, produzirá uma obra igual ao original, que o representa ao vivo, e se em alguns trechos não poder attingir a este grau de perfeição, havera outros muitos em que lhe fique superior. Quem lêr na *Guerra Punica* de Silvio Italico estes versos:

Fama docet cæsæ rapuit cum Gorgonis ora
Perseus, in libya dirum fluxisse cruorem,
Inde Meduseis terram exundasse chelydris,

Não julgará mui superiores pela expressão estes da traducção de Philinto Elysio?

..... Canta a Fama
Que perseo, rebatando de Medusa
A cortada cabeça, ia pingando
Diro sangue na Libia, e de chelidros
Meduses alastrava aquellas terras.
(*Canto* III.)

A mesma superioridade se encontra nos seguintes versos do mesmo canto:

Talis Sydonius per campos agmina ductor,
Pulvere nigrantes raptat, lustrat que sub armis,
Qua visu comprendere erat, fulgentia signa:
Non aliter, quoties perlabitus æquora cursu,
Extremamque petit, Phaebæa cubilia Tethys,
Frematis Neptutus Equis: fluit omnis ab antris
Nereiadum chorus, et sueto certamine nandi
Candida perspiquo convertunt brachia Ponto

Taes batalhões rebata pelos campos,
Negros de pó, o general Sydonio,
Revendo armado as fulgidas bandeiras
The onde abarca a vista, e leva ovante
Longa sombra a poz si na longa terra.
Não de outra sorte deslisando o coche
Co'os enfreados brutos, vai Neptuno
Pelos mares os camarins buscando
Do Sol, ultima Tethys: desampara
As lapas todo o choro das Nereidas
E nadando em porfia acostumada
Travam os alvos braços na onda pura.

Tenho para mim, que quem estiver nas circumstancias de comparar cem versos da Iliada de Homero com os que lhe corresponderem nas traducções de Pope, de Monti, ou de Cesaroti, se não tiver o espirito preoccupado pela superstição da antiguidade, não achará nos primeiros mais louçania de estilo, mais força, ou graça de expressão, mais aprimorada escolha de termos, nem mais elegancia de phrases, ou mais harmonia metrica, que nos segundos, por que sahiram da pena de traductores, que nas suas linguas não eram menos poetas, que Homero na sua.

Dadas as mesmas circumstancias, o fazer uma boa traducção poetica de uma lingua moderna para outra apresenta menos dificuldades. Em primeiro logar porque as sabemos melhor, e sentimos mais a força dos seus vocabulos, porque estamos costumados a fallalas e ouvi-las fallar, e conhecemos os costumes dos nacionaes; em segundo logar porque todas ellas são dialectos do latim, do tudesco, ou do ilirico, o que faz com que se assimelhem muito na syntaxe, e na prosodia, e é por isso que se podem apresentar tantas obras excellentes neste genero em alemão, em inglez, e sôbre tudo em italiano, sendo muitas dellas não so iguaes, mas superiores aos originaes. Qual será o homem de gosto delicado em poesia, e com igual conhecimento das duas linguas, que não ache mais prazer lendo os Jardins, e as Plantas na traducção do Bocage, que nos originaes de Delille e Castel, e a razão é porque Bocage um escriptor elegante, e tão energico em portuguez como os dous em francez, é porém versificador mais harmonioso, junctando a isto o escrever em uma lingua mais flexivel, e mais poetica que a franceza.

O poeta, que ententar uma boa traducção deve antes de emprehender o seu trabalho considerar, 1.° se o caracter do seu talento harmonisa com o do original; 2.° se o poema que pertende traduzir é susceptivel de passar para outra lingua, sem ficar desfigurado, e perder a maior parte das suas belezas, porque ha poemas cujo merito está tão intimamente ligado com o genio, e os idiotismos da lingua em que estão escriptos, que é preciso deixa-los a admiração dos nacionaes, e dos extrangeiros que bem a entendem: porque vivem pelo estilo, e pelo estilo é que nos encantam! qual é a lingua, em que se possa fazer um boa traducção do poema de Casti intitulado *Gli annimali parlanti*, ou do *Malmantile de Lippi*, tão apreciado pelos toscanos, mas sem voga nenhuma nas outras partes da Italia, onde ha poucos nacionaes que possam sentir o chiste dos proverbios, anexins, rifões, e phraseado da linguagem popular de *Mercato vechio?*

Requeremos que o talento do poeta, e o seu estilo habitual harmonise com a do original, porque estamos persuadidos de que so um poeta lirico, costumado a concisão e movimento d'este genero de poesia, poderá fazer uma boa versão das odes de Pindaro, ou de Horacio e assim nos mais generos.

Outra circumstancia absolutamente necessaria para o bom traductor poeta, é a facilidade de expressão, e muita flexibilidade e harmonia metrica: é por isto que Bocage se afamou tanto entre os bons traductores; quem exprime com trabalho as propias ideas como póde expressar bem as ideas dos outros?

A traducção deve ser fiel, é preciso que seja tambem concisa e energica. De que serve ter na traducção todas as ideas do original, esparralhando-as em um diluvio de palavras, e no duplo ou triplo dos versos? este defeito é mui frequente em Delille; ha na Eneida uma comparação de um cavallo, que rompe os loros, e foge do estabulo para o campo, esta comparação tem outo versos no original, e Delille emprega vinte alexandrinos para exprimil-a, isto não é traducção, é paraphrase, ou imitação.

Houve tempo em que foi moda em França fazer traducções cortando os traductores quanto lhes desagradava nos originaes, ou quando lhes não parecia conforme com o gosto francez, alterando, e cirzindo tudo com linhas caseiras. Taes traducções não prestam para nada, são monumentos de máu gosto, é enganar o publico, e insultar os auctores. A traducção deve ser como o espelho, e representar a obra original com todas as suas feições, trajos, defeitos, e belezas naturaes.

De todas as nações da Europa não ha nenhuma mais pobre do que a portugueza em traducções poeticas, e isto fallando nós uma das linguas mais proprias para ellas. Somos a unica nação que não temos um poema

grego traduzido, uma traducção das Metamosphoses de Ovidio, ou do poema de Lucrecio. Toda a nossa riqueza n'este genero consiste em quatro traducções de Virgilio, sendo a unica boa a do Doutor Lima Leitão, duas das odes de Horacio, uma por José Agostinho de Macedo, obra mediana, e outra por Antonio Ribeiro dos Santos muito superior á primeira. Quatro cantos de Silio Italico por Francisco Manuel, excellente, quatro cantos das Metamorphoses por Frei José do Coração de Jesus, estimavel por sua exatidão, e excellente linguagem. Alguns troços das Methamorphoses por Bocage, as Epistolas de Horacio pelo Sr. Seabra, ainda não tivemos o gosto de as vêr. A do Hypolito de Euripedes pelo Padre Foios, a de Phedra de Seneca pelo Sr. Trigoso; cinco cantos das Methamosphoses pelo Sr. Castilho, Juvenal e Persio pelo Sr. Bastos, Anacreonte por Francisco Malhão. Tres traducções da Poetica de Horacio, uma pessima por Jeronimo Barbosa, outra por Candido Lusitano, e outra pelo Doutor Lima Leitão, ambas estas de grande merecimento. A isto, ou pouco mais se reduzem as traducções, que temos do grego, e do latim.

Das linguas vivas apenas contamos uma traducção da Jerusalem de Torquato Tasso por André Rodrigues de Mattos, é hoje muito rara. Duas da Henriada de Voltaire, uma em verso solto, e outra em verso pareado, não sabemos qual é peior; uma por Vicente Pedro Nolasco da Cunha do Jardim Botanico de Darwin: um dos melhores poemas didascalicos, que se tem escripto até agora. Uma da Imaginação de Delille, duas do Paraiso de Milton, uma mui prosaica pelo Visconde de San'Lourenço, e outra excellente pelo Doutor Lima Leitão, a das Fabulas de Lafontaine do Ververt de Gresset, das odes de Ramler, do Oberen de Wieland, e das estações de Kramer por Francisco Manuel. Duas do *Lutrin* de Boileau, mas de mui desigual merecimonto sendo a primeira do Visconde de Villarinho de San'Romão, e a segundo do Doutor Antonio José de Lima Leitão: uma do Ensaio sôbre o Homem de Pope por Antonio Teixeira, é quasi desconhecida, posto que lhe não falte merecimento, outra do Ensaio sôbre a Critica de Pope pela Marqueza d'Alorna D. Leonor d'Almeida, a nossa melhor poetisa dos tempos modernos: finalmente as traducções dos Jardins de Delille, das Plantas de Castel, da Agricultura de Rosset, e de parte da Columbiada de Madame du Bocage, por Manuel Maria de Barbosa de Bocage, o nosso melhor versificador, e o mais exacto e elegante traductor que até agora se tem conhecido: ajuntando a estas obras, e outras, poucas mais que nos esqueçam, algumas tragedias francezas, teremos todo o cabedal, que possuimos em traducções, e a sua consideração nos convencerá de que neste genero não ha litteratura mais pobre do que a nossa. Não so não possuimos uma versão da Messiada de Klopstock, ou do Noe de Bodmer tão interessante e original pela pintura do mundo antidiluviano, mas nem siquer a de um poema de Biron, de Moor, ou de Walter Scott, apezar do nome de seus authores andar hoje na vos da fama, e de não haver lingua, á excepção da nossa, em que se não tenham vertido poemas seus.

Exhortamos pois todos os modernos poetas portuguezes a prehencher este vacuo da nossa poesia, e a colher esta palma, que apezar das decizões dos ignorantes não é para despresar-se. Il faut (diz mui judiciosamente La Harpe) rejeter bien loin ces distinctions jalouses, et frivoles, qui n'accordent les honneurs du genie qu'à l'invention, comme s'il n'etait pas demontrè qui une belle traduction en vers est en quelque sorte une seconde creation; comme si dans ce cas le second rang aprés un Homme tel qu'Homere, ou Virgile, n'etait pas un rang éminent; enfin comme si l'on pouvait nous rendre en vers le genie d'un grand ecrivain, sans avoir soi-même du genie. *(Cours de Litterat, tom. I.)*

C...

DOIS ANNOS DE VIAGEM. *

1844 — 46.

V

Ainda Montevideo — Cercanias da cidade — Costumes.

964 Conduzirei o leitor a uma casa qualquer de Montevideo — em todas ellas incontrará a mesma amabilidade, o mesmo espirito nas senhoras. Entrai, que ja nos convidam a tomar logar alternadamente com ellas — e depois da pergunta do estylo: *Ue gusta de Montevideo*, a que respondereis afirmativamente, como é de suppor — seguir-se-ha o lamentarem o estado da guerra, que difficulta as reuniões, ja pela ausencia de muitas familias, ja pelo desgosto de outras. — Em tempo de paz, vos dizem ellas com uma graça toda castelhana, ha continuamente tertulias em Montevidêo, ainda que mui poucos bailes formaes... Oh! se *usteds* viessem n'esse tempo, divertir-se-iam muito! E os seus grandes olhos pretos, se animam sôbre aquellas faces morenas, que um sorriso voluptuoso vem nacarar ligeiramente.

A palavra *tertulia* é eletrica para as mulheres de Motevideo — não assim para os homens... porém que são os homens n'este paiz? — Não recebem as visitas dos extrangeiros, nem mesmo sabem ás vezes quem frequenta a companhia de sua mulher e de suas filhas — e não é dificil que um forasteiro, depois de ter passado vinte ou trinta serões em casa das *señoras* de ** — veja casualmente na rua um homem, que lhe apontam como pae ou irmão das dittas senhoras, com quem vive na mesma casa e na melhor harmonia.

Referirei aqui um facto succedido, durante a minha estada no rio da Prata, que vem perfeitamente ao caso.

O Senhor *** é um homem sisudo, casado com uma senhora estimavel, que lhe deu quatro filhas encantadoras; a sua casa é muito frequentada pelos extrangeiros, e passam-se ahi deliciosas noites. Ora, acontece que um dia, recolhendo-se o Sr. *** mais cedo que de costume, se lembrou de entrar na sala — o que mui poucas vezes faz; os extrangeiros porém que não eram *des habituès de la maison*, nenhuma attenção deram ao recem chegado, e as *niñas* continuaram alegremente a conversação. O homem ferido no seu amor-proprio, levanta-se arrebatado e vae topar com um compadre seu, que assomava á porta: — Que é isso, compadre? lhe brada este ao ver a affiição do Sr. *** — Que hade ser, responde aquelle mui colerico — está afisala cheia de *Carcamânos* que veem na-

* Continuado de pag. 345.

morar minhas lhas, e que fizeram tanto caso de mim quando la entrei, como de um criado que fosse servir copos de agua.

Eis-ahi um typo de chefe de familia em Montevideo; inutil e desconhecido ao extrangeiro, lega geralmente ao sexo amavel o cuidado de fazer as honras da casa ao visitante.

Do que deixâmos referido, talvez tire uma consequencia bem errada o leitor, que não presenciou ainda este bello tracto, resultante da educação hispanhola — pensará talvez que Montevideo é uma cidade digna do fogo celeste.. pois engana-se. Em que pese a maldizentes e invejosos, proclamaremos a honestidade das *señoritas* do Prata — e direi mais ainda, para vergonha e confusão de europeus ingratos, que incontrei alli uma mulher-typo, como se póde figurar nos sonhos mais doirados o mais apaixonado amante, como se veem deliniadas nos mais patheticos romances. — Quereis um documento d'esta verdade? ouvi as palavras de um atheu ácerca d'esta maravilha.

— 'Não creio em Deus, nem acreditava nas mulheres;' me disse elle em tom solemne. 'Tenho visto alguma coisa do mundo: na Europa aonde nasci, sob as palmeiras da Asia, sobre as areas africanas; tenho incontrado mulheres com rosto de anjo, tenho-as estudado, e tenho conhecido que — aquella mascara celeste cahe ao sôpro da lisonja, do capricho ou do oiro... algumas vezes — poucas — do amor! Mas hoje, na America — em Montevideo, eu creio n'essa virtude que não podia comprehender... encontrei finalmente uma mulher perseguida e resignada, — accusada de infidelidade e fiel, — conservando intacta a honra de dois nomes, um herdado — e respeitavel! — outro adquirido a contra-gosto seu. . . . É muito! — Desejava fazer patente o seu nome — mas quem me auctorisa a levantar o veu sagrado, que ella lançou sôbre a sua coroa de martyr? — So Deus o podéra mandar.'

Porém este devaneio ja cheira a romantismo, e todos sabem — ou devem saber — que o romantismo é um dos maiores peccados d'este seculo, ja de si tam peccador; por consequencia regressemos ao positivismo.

Ha na cidade um theatro — não bom — porém melhor que qualquer dos nossos — do Salitre, rua dos Condes, ou Gymnasio, — aonde representam algumas sociedades de curiosos lyrico-dramaticos francezes, italianos, hispanhoes e americanos. — Estão lançados os alicerces de outro theatro muito espaçoso.

Havia uma praça de toiros, que foi derribada para construir uma bateria, — falta que eu senti bastante, porque, contra a opinião de todos os philosophos e philantropos — nascidos e por nascer — gósto muito de uma corrida de toiros.

A policia, durante a noite, é feita pelos *serenos*; estes homens, involtos em uma ampla capa negra e armados de lança e lanterna de furta-fogo, teem um aspecto misterioso: ao começar da noite apparece cada um em seu quarteirão, e não se somem antes de romper o dia; — são uma especie de morcegos. Vigiam pela segurança das casas no seu districto, e não consentem a extranhos demorar-se perto de alguma porta, assim como avisam as familias que, por descuido, teem deixado alguma janella aberta até deshoras; — conhecem todos os visinhos e as visitas mais frequentes de cada casa. — O extrangeiro, que ignora o caminho para a poisada de um homem a quem tem precisão immediata de fallar, dirige-se a qualquer *sereno*, indica o nome e a rua em que a pessoa que procura reside; — o *sereno* apenas informado passa a intregal-o ao seu companheiro do quarteirão immediato, — aquelle a outro, e assim successivamente até que é levado á porta da habitação que procura.

De trinta em trinta minutos, o *sereno* annuncía em alta voz — a hora e o estado athmospherico; — quando se está distante — em um navio surto no porto, por exemplo — produz aquella voz uma sensação melancolica, parece o lamento de uma victima.

Custa a crer como tenho escripto tantas paginas sem fallar do *mate*, d'esta bebida, que é para os povos das margens do Prata, como o café para os turcos — um vicio, uma necessidade. O *mate* é uma herva do Paraguay, de que se faz infusão, similhantemente ao cha, misturando lhe assucar e algumas vezes leite; lança-se em um pequeno globo oco, ao qual se applica um tubo de prata ou de outro metal — *la bombilla* — e toma-se da mesma forma que se fuma por um caximbo. A mesma *bombilla* serve a todas as pessoas presentes. É necessario sorver de espaço, para não se escaldar, e por consequencia divertir as senhoritas que não perdoam essa falta de experiencia ao recem-chegado; — é como uma surriada ao novato em qualquer das nossas escholas.

E ja que o *mate* é tomado até aos confins das republicas do Prata, o fallar d'elle nos sirva de transição entre a cidade que vamos abandonar, e o campo que vai receber-nos.

Nas vastas planicies que cercam a cidade, nada ha que admirar. Campinas razas a perder de vista no horisonte, cobertas aqui e alli por bastas manadas de gado, algumas casas, soltas, de pouco lisongeira apparencia, uma ou outra quinta em desalinho, — eis ahi tudo.

A melhor casa e quinta que se incontra nas cercanías de Montevideo, pertence a um portuguez (o Sr. Gonçalves) — é situada á margem do *Miguelete*, riacho que caminhando por um acanhado leito se vem precipitar no Prata, não longe da cidade — depois de ter percorrido uma grande extenção de paiz em sinuosas voltas, similhantes ás roscas de uma serpente-gigante. — Algumas vezes, durante o cerco, fui recebido hospitaleiramente n'aquella casa pela familia do caudilho D. Manuel Oribe, que então a occupava. Aproveitarei ésta occasião para confessar gostoso que — em todas as casas que frequentei, no campo e na cidade, pelas familias dos mais encarniçados sectarios de um ou de outro partido — fui recebido perfeitamente.

Seja-me licito registrar tambem aqui — um protesto de gratidão esterna para com duas senhoras hispanholas — cujo carinho de mãe, cuja franqueza de irman — me tornaram tão suave o viver do exilio. Acceitem, ellas que me conhecem, este tributo de sincera amizade, enviado ca de tão longe pelo *marino* portuguez.

Tres logares distinctos ha nas proximidades de Montevideo, que fixam as attenções do viajante, e que são como as balizas da demarcação d'esse territorio. — A oeste o *Miguelete*, que tomou a denominação do riacho que o fertiliza; — no centro o *Cerritto*, pequena eminencia defendida por uma bateria, e em roda

da qual acampava o exercito sitiador, quando eu a visitei; — a éste o *Buceu*, pequeno porto, desabrigado semeado de escarceos, e com pessimo desembarque-ella a via de communicação maritima dos *blanquillos*, antes que as esquadras francezas e inglezas reunidas o bloqueassem; desde esse momento os navios mercantes fizeram-se á vela, e a alfandega mudou de poiso.

O aspecto das tropas nacionaes é grutesco: usam de gorros á hispanhola, jaqueta escarlate, calça branca franjada na parte inferior, — e alguns, de um panno involvendo alternadamente cada uma das pernas, do joelho para cima, o que não os impossibilita de montar a cavallo — dão lhe a denominação de *chiripá*. Desde o general até ao soldado, todos usam por sôbre as outras peças de uniforme, uma especie de capote azul, aberto pelos dois lados e forrado de vermelho; este sobre-tudo, a que chamam *poncho*, é o signal characteristico dos habitantes do campo, desde as margens do Prata, até á cordilheira dos Andes. — Nota-se bastante ferocidade n'estes homens, o que é sem duvida proveniente do costume em que estão, de ver matar todos os dias muitissimo gado — para exportar os coiros, principal ramo do commercio do Prata; — por isso não é extranho ver, mesmo um chefe, degolar de sua propria mão a um prisioneiro de guerra! — por vergonha da humanidade, ainda alli se faz uso — e frequente! — do horrivel castigo da *estaca*: — ésta barbara execução, de que outr'ora ja se abusou tanto na Europa, consiste em segurarar a quatro estacas cravadas no terreno, as mãos e pés de um homem, por meio de tiras de coiro de boi, molhadas: o sol que não tarda em secal-as, e por consequencia encolhel-as, — faz distender com dores infernaes os membros do infeliz — e o estertor do moribundo substitue em breve o lamentar do condemnado.

Concluimos, quanto a Montevideo e seus contornos; — que nos desculpem se fomos exagerados, ou demasiadamente extenços.

(Continúa.) *Francisco Maria Bordallo.*

MARGARETHA.

(*Conto allemão.* *)

965 Em nome da Sanctissima Trindade, Padre, Filho, Espirito-Sancto! Deus me ajude a contar uma historia que seja do gôsto de todos os meus leitores.

No anno de Nosso-Senhor Jesu-Christo de 1396, succedeu na cidade de Florença uma extraordinaria aventura de amor. Havia n'aquella cidade uma familia nobre que tinha uma filha chamada Margaretha, que era a donzella mais casta, de mais juizo e experta, que n'aquelle tempo se conhecia. Tinham-na todos por espelho de virtudes; e quando ella passeiava pela praça toda a gente corria a admirar a sua formosura e ouvir os seus prudentes avisos. N'uma d'estas occasiões foi que Adolpho a viu, e o seu coração entregou-se logo todo á amavel donzella. Quatro annos afiu não pensou elle n'outra coisa senão em Margaretha; seguia-a por toda a parte e era bem patente a todos o amor que elle lhe consagrava. Ninguem póde suppor as penas e as afflicções que elle soffreu por amor d'ella. Adolpho tinha pedido muitas vezes Margaretha a seu pai para casar. Mas este velho ambicioso teve em menos conta o amor d'aquelle mancebo a sua filha, e nunca lh'a quiz dar por elle não ser ricco, e preferiu-lhe outro rapaz abastado, que tambem a pediu em casamento. Chamava-se este Augusto: e Margaretha casou com elle. Esta noticia entrou no peito de Adolpho como a lamina fria de um punhal. Ja sem nenhuma esperança fez voto de não casar nunca com outra mulher. O seu unico prazer era ir de longe contempl ar Margaretha á igreja, quando ella ia á missa.

Por aquelle tempo houve peste em Florença. A linda Margaretha cahiu doente; mas não foi de peste. Seus pais e seu marido disvellavam-se no seu tractamento, e administravam-lhe os remedios com o maior carinho. Mas a molestia peiorou, e um dia deram Margaretha por morta. A familia chorou muito; e ficaram todos capacitados que tinha morrido de peste. Deram-se pressa a interral-a n'um carneiro aope do cemiterio da igreja principal. Adolpho acompanhou o interro, e quando viu que fechavam o carneiro exclamou: 'Eu ja tinha perdido muito; mas a morte veio roubar-me ainda o pouco que me restava.' E voltou para casa a soluçar como uma criança.

Margaretha ficou por algum tempo fria e insensivel dentro do seu caixão, mettida n'um carneiro. Ella porém não estavá morta, soffria apenas um profundo espasmo que exinanira o seu bonito corpo; a que uma crise, ou talvez antes o som das badaladas do sino dos mortos, vinha agora pôr termo. Fosse o que fosse, o caso é que a pobre Margaretha acordou do seu lethargo, duas horas depois da meia-noite. 'Ah! disse ella a suspirar, interraram-me viva! Coragem! Se me falta o valor estou perdida! Sancta-Maria! vinde em minha ajuda n'esta afflicção extrema; porque vós sois a minha unica esperança.' Levantou então a cabeça com grande custo, e quiz a sua boa sorte que uma restea de luar entrasse por uma greta da pedra que fechava o carneiro, e lhe viesse bater no rosto reanimando-lhe a cera-

* A litteratura allemã é, infelizmente, muito pouco conhecida em Portugal. A nossa gallo-mania não nos deixa ler nem appreciar senão aquillo que é francez. Eu creio fazer bom serviço aos leitores da REVISTA dando-lhes a saborear uma amostra da litteratura germanica, no genero de *novella*, que elles vão decerto achar muito extraordinaria no fundo e na fórma, attendendo ao habito em que todos estamos de só conhecermos n'este genero o gôsto francez.

gem. Ergueu-se do seu caixão, embrulhou-se na mortalha, e arrastou-se pela obscuridade do carneiro até á fenda por onde entrava o luar. Havia alli uma escadinha pequena, e ella sentou-se um poucaxinho a socegar no primeiro degrau, invocando o Sancto Nome de Deus. Subiu depois até á lagea que servia de campa ao seu tumulo e impurrou-a.

Por fortuna a lagea não era muito pesada, e não tinha havido tempo de a pegar com pedra-e-cal. Margaretha pôde sahir do seu carneiro, e depois de dar graças-a-Deus caminhou ao lado das paredes do cemiterio. Estava-se então em dezembro; o vento d'hynverne zunia forte e frio. Margaretha pôde chegar a casa de seu marido e bateu á porta. Augusto não dormia; estava acordado, triste e pensativo quando ouviu bater. Chegou logo á janella e perguntou: 'Quem bate?' — 'Margaretha; tua mulher Margaretha. Não conheces a minha voz?' A falla de sua mulher, que elle, poucas horas havia, víra cadaver, encheu-o de terror. Fez o signal da cruz e respondeu; 'Vai descançar espirito bemditto. Ámanhan ao rasgar do dia te mandarei dizer uma missa, para que o Senhor Deus te dê a paz eterna!, Depois fechou as janellas, e correu as cortinas da sua cama. Quando Margaretha se viu assim abandonada de seu marido soluçou muito e chorou amargamente. Mas tomou ânimo e foi bater á porta da casa de seu pai. A mãi veio á janella e perguntou; 'Quem é?' — 'Tua filha Margaretha. Abre.' Respondeu a pobre menina regellada de frio. 'Ó espirito bemditto de minha cara filha,' disse a mãi toda assustada e cheia de medo, 'Deus Senhor Nosso te tenha em sua Sancta Gloria.' E fechou logo a janella muito depressa. Margaretha carpiu-se quasi cheia de desesperação, quando se viu assim tractada por sua mãi. Mas soccorreu-se á oração, que a confortou de modo que ella pôde ainda continuar a andar apezar da fraqueza do seu corpo, e da frialdade da noite. Lembrou-se de um tio que tinha na cidade, foi bater-lhe á porta, e pediu-lhe pelo amor-de-Deus que lhe désse agasalho. Mas o tio respondeu-lhe seccamente: 'Deixa em paz os vivos, alma do outro mundo, e vai para o seio de Deus!'

D'esta vez perdeu Margaretha todo o ânimo, e foi deixar-se cahir nos degraus da igreja de San'Bartholomeu, esperando a morte. 'Ó Virgem Maria,' dizia ella, 'querereis vós que depois de eu escapar a uma morte tam horrorosa venha a morrer deveras n'este desamparo!..' Mas a Virgem Nossa Senhora teve dó d'ella, e trouxe-lhe á idea a lembrança de Adolpho. Uma luz d'esperança então lhe raiou n'alma. Impaciente por experimentar o amor de Adolpho depois da sua morte apparente, Margaretha pôs-se a caminho para casa d'elle, incostando-se ás paredes e quasi desfallecida. Quando chegou á sua porta e bateu eram quasi seis horas da manhan. Mas apenas levantou a mão da argola, cahiu prostrada no chão juncto á porta, com o corpo frio de neve. Adolpho estava acordado; a dor de perder Margaretha, aindaque ella não fosse sua, não o deixára socegar toda a noite. Quando sentiu bater, abriu a janella, e ouviu dizer a Margaretha com voz amortecida; 'Sou eu, a pobre Margaretha. Por amor-de-Deus dai abrigo a uma desgraçada que todos desamparam!' Adolpho pegou n'uma luz a toda a pressa e desceu immediatamente. Cheio de medo e alegria ao mesmo tempo, exclamou: 'É ella!..' E chamou uma criada, e elles ambos pegaram em Margaretha desmaiada e a levaram para uma boa cama. Adolpho mandou-lhe aquecer lençoes, perfumar-lhe a roupa, e recommendou que a deitassem com todo o cuidado e lhe prestassem todos os soccorros. Feito isto assim, Adolpho sentou-se á cabeceira da cama e deixou-se ficar muito quieto, derramando lagrymas em quanto a querida do seu coração não tornava a si.

D'ahi a algum tempo Margaretha mexeu-se, depois abriu os olhos, e viu Adolpho aope de si, que lhe beijava as mãos, e lhe dizia: 'Socega, meu bem. Manda o que quizeres, que farei tudo o que tu mandares.' Margaretha respondeu-lhe: 'Entrego a minha honra á tua probidade, meu querido Adolpho; não te esqueças nunca de que Margaretha desamparada de todos os seus se veio entregar á tua guarda.'

Depois d'isto ella contou-lhe tudo o que se tinha passado, e por fim disse-lhe: 'Perdoa-me se eu pareci ingrata ao amor que tu me tinhas; não te zangues commigo por isso, porque eu fiz o que a minha familia me mandou. Mas eu agora sou toda tua, e a mais ninguem me importa senão a ti, por que so tu tambem te importaste commigo. Da-me alguma coisa de comer, que eu sinto-me desfalecer toda.' E Adolpho no mesmo instante lhe prometteu tudo o que ella queria; e mandou-lhe pôr de comer, e foi elle mesmo buscar do melhor vinho que tinha na sua dispensa. Emquanto comia, disse Margaretha a Adolpho: 'Põe o teu capote; e vai ja ja ao carneiro onde me interraram, e

põe no seu logar a lagea da porta, e arruma tudo de modo que ninguem desconfie que eu de la sahi.'

Adolpho fez isto tudo immediatamente. E devolta passou pela praça e comprou uns borrachos, pão-de-leite e figos passados para trazer a Margaretha.

No fim de quatro dias Margaretha estava restabelecida de todo, e mais bonita que nunca. Adolpho viu que ella tinha precisão de vestidos e disse-lh'o. 'Meu querido Adolpho,' lhe respondeu ella, 'estou resolvida a casar comtigo se tu quizeres. Ouve. Vai a casa de Augusto, e compra-lhe todo o meu fato, seja porque dinheiro for. Depois vem por casa do tabelião e tral-o comtigo. E manda fazer na freguezia todos os preparativos para nos casarmos; porque a morte desata todos os laços, e ninguem sabe que eu estou viva.' Adolpho, não podia fallar de contente, e pegou n'um annel de oiro, e metteu-o no dedo a Margaretha, e abalou logo para casa de Augusto, como ella lhe tinha recommendado.

No domingo seguinte, sahiu Margaretha com a mãi de Adolpho e uma criada, direitas á egreja d'Annunciada, onde o noivo estava ja á espera d'ella. Apenas tinham andado cem paços pela rua, começou-se a junctar gente de toda a parte, e todos diziam: 'É ella, é Margaretha, que se dizia que tinha morrido!' E a mãi, que por acaso passava então por alli, a conheceu, e ficou muda de pasmo. 'Dize-me se comeffeito és tu minha filha?' Perguntou-lhe ella por fim. Mas sua filha não mostrou colera nem ternura, e deixou-se ir andando. Do meio do tumulto que se fazia á roda d'ella, sahiu Augusto, a quem tinham ido contar o que succedia. Conheceu sua mulher, e perguntou-lhe aonde ia com aquelle fato de noivado, e quem a tinha ido tirar do seu tumulo? Ao mesmo tempo sahia Adolpho da egreja para vir ao incontro da sua noiva. Margaretha cobrou ânimo, olhou para Augusto com ar indifferente, e respondeu-lhe com todo o socego: 'Não fostes vós, Senhor, quem me foi buscar ao meu tumulo; pelo contrario, mettestes-me la viva; e quando eu fui buscar protecção a vossa casa, vós que tinheis obrigação de me protejer, fexastes-me a vossa porta. Aqui está o meu querido Adolpho, que dirá se isto é assim. Deixai-me pois seguir o meu caminho; e seja feita a vontade de Deus.' A mãi de Margaretha chorava. Augusto blasphemava, e Adolpho estava incantado com o que dizia a sua linda mulher. Mas Augusto desesperado foi a casa do bispo, e fez-lhe queixa de tudo.

Veio logo um recado do bispo para Margaretha ir á sua presença. 'Muito prompta,' disse ella. 'eu me defenderei, e a justiça do Sr. bispo hade ser por mim. Mas se eu não podér casar com Adolpho, juro que me heide metter freira, e não ir nunca mais para casa de Augusto.' Ella appareceu perante o bispo, e beijou-lhe o seu annel. 'Dize-me ca, minha filha,' perguntou-lhe o respeitavel prelado, 'porque não queres tu ir viver com teu marido, e queres casar com outro estando elle vivo?' Margaretha então contou-lhe tudo o que lhe tinha acontecido, e acabou dizendo: 'Sr. bispo, se eu aqui estou viva é pela charidade de Adolpho, unicamente: e agora a vossa justiça que decida.'

Augusto não pôde responder nada. O bispo, verdadeiro successor dos apostolos, que d'elles recebêra o podêr de atar e desatar as coisas da terra, desligou solemnemente Margaretha de Augusto, e abençoou o seu casamento com Adolpho.

Assim Deus conceda a todos os amantes uma fidelidade tam constante, e aos leitores d'esta historia a bemaventurança. Amen! *Carl Spindler.*

(Sommermalven, Novellen und Erzaelhungen.)

A UMA CAMELIA.

(Recordação.)

966 Linda camelia vermelha,
Rosa do meu cubiçar,
Tu a deusa da minha alma
M'estás camelia a lembrar...

N'essa hastea tam flexivel
Gentil corpo a recordar:
N'essas tuas verdes folhas
Minha esp'rança a excitar:
N'esse calice castissimo
Virgem seio a imitar:
N'essa corolla purpurina
Meiga face a retrattar:
N'essas estames mimosas
Onde amor se vai poisar:

Tu, a deusa da minh'alma,
Rosa do meu cubiçar,
Tu — como ELLA pura flor —
M'estás camelia a lembrar.
. . . . . .
Da mão D'ELLA eu te obtive,
Rosa do meu cubiçar...
Assim seu peito me dera
Alvo so do meu amar!

VARIEDADES.

A PAROCHIAL DE SANCTA-JUSTA.

967 O convento de San'Domingos de Lisboa, que pertenceu aos religiosos da ordem dos prégadores, foi fundado por El-rei D. Sancho II em 1241.

Em 1249 El-rei D. Affonso III lhe mandou fazer a egreja, e El-rei D. Manoel, o dormitorio. A maior parte do convento foi fabricado pela industria dos priores d'elle. Em 1748 se fabricou a capella mór pelo risco e desenho de *João Frederico Ludovici* e concluida por *Belino de Padua*, sendo a esculptura da referida capella, obra de *João Antonio de Padua*.

Pelo terramoto de 1755 padeceu este edificio total ruina.

O risco e desenho da egreja actual, é de *Carlos Mardel* (falecido em 1763).

É hoje parochial de Sancta-Justa e Rufina.

As duas columnas de marmore, que hoje se observão na parte principal da egreja erão da Sancta-egreja-patriarchal de Lisboa, situada no Terreiro-do-Paço, que foi destruida pelo terramoto do 1.° de novembro de 1755.

Na egreja, e claustro do convento de San'Domingos, jaz o Infante D. Affonso, Senhor que foi de Portalegre, de Castello-de-Vide, de Marvão, de Arronches, e de outras terras, era filho d'El-rei D. Affonso III e de sua segunda mulher D. Beatriz; o veneravel *Fr. Luiz de Granada*, aquelle que nas alterações que houve n'este reino com a invasão dos castelhanos, sendo perguntado, de que partido, e parecer era? Respondeo: *Não sou castelhano, nem portuguez: Sou frade de San'Domingos*; e outros varões grandes em sangue, lettras, e armas.

O Abbade Castro

CORREIO-EXTRANGEIRO.

969 Diz-se que na estrada de Fontainebleau, em França, se experimentou uma bonita e grande carroagem de vellas, que andava quasi tam depressa como um trem de wagons por cima dos carris-de ferro. Esta carroagem tinha tres rodas, a dianteira lhe servia de leme.

CORREIO-NACIONAL.

970 Começou-se a ensaiar no theatro de D. Maria II, a bem conhecida farça *Manuel Mendes*, posta em musica pelo Sr. Miró. Esta composição é como uma *parodia musical*, nem menos de quatorze operas figuram nos bocados cantados pelos ingraçados personagens que os bons tempos passados tanto fizeram applaudir. A farça assim posta em musica foi executada o verão último com grande applauso, no bello theatro particular do Sr. Conde do Farrobo, ás Larangeiras.

Por alvará de 28 do passado, são approvados os estatutos e confirmada a companhia lisbonense da illuminação a gaz, com o fundo de quatrocentos contos em oito mil acções.

A receita do asylo da mendicidade no mez d'outubro último foi de 1:235$768 réis; além de objectos de tomadia e donativos em especie, a despeza foi de 1:183$912 réis. Ficaram existindo 352 homens, 246 mulheres, total 598 e mais 6 em deposito. E' para notar que o trabalho dos asylados produziu 32$700 réis.

No dia 9 entrou o vapor inglez *Queen* (paquete do sul) de Gibraltar e Cadiz em 54 horas, com 31 passageiros. Sahiu no dia 10 para Southampton, com 76 passageiros.

O Banco-de-Portugal annuncia que acceita em resgate de penhores de acções, inscripções e apolices, notas promissorias da companhia Confiança, e titulos da capitalização das notas do Banco-de-Lisboa.

A estatistica do supremo tribunal de justiça, do 1.° de dezembro de 1845 a 30 de novembro de 1846, apresenta os seguintes resultados:

Autos civeis entrados	359
Ditos crimes	137
	496
Autos julgados	597
Autos pendentes	737

As últimas folhas de Londres alcançam até 6, e as de Pariz até 5. Os fundos portuguezes ficavam na bolsa de Londres a 39 ½.

Praça-de-Lisboa. — As transacções em fundos-públicos e acções de companhias, diz a *Folha commercial*, acham-se stagnadas. Os metaes conservaram os preços. O desconto das notas subiu a 900 rs. Os fundos-publicos sustentaram os preços. Desceram ainda as acções do Banco-de-Lisboa, e subiram as da Confiança-Nacional e Obras-publicas.

No dia 13 entrou no Tejo o vapor inglez *Royal Tar* [paquete do norte] de Southampton e Vigo em 56 horas, com 51 passages. Sahiu no mesmo dia para Cadiz e Gibraltar com 45 passageiros.

No mez de novembro ultimo entraram no supremo tribunal de justiça de justiça 16 autos, foram julgados 55, ficaram pendentes 737.

A receita do asylo da mendicidade no mez de novembro ultimo foi de 820:153 réis, além de diversas tomadias e donativos, em generos: e a despeza de 1,083:048 réis. [O deficit foi supprido por saldo existente]. Ficaram existindo 346 homens e 246 mulheres. Total 592. Alem de 8 em deposito.

ANNUNCIO.

Achando-se interrompida a communicação regular com muitas terras de provincia, não sendo por isso possivel, nem fazer as remessas regulares aos Srs. Assignantes das provincias, que são o maior numero, nem haver d'elles o importe de suas assignaturas; a empresa suspende por emquanto a publicação da REVISTA, e publicará o n.° 31 e os de mais d'este 6.° vol., e dos seguintes, logo que haja communicação regular com as provincias.

A REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, podêmos asseverar aos nossos Assignantes, que não acaba, mas somente interrompe sua publicação, esperando no futuro lhe continuem a mesma coadjuvação, que até aqui tem merecido.